

Bisol continua vice

O candidato a vice na chapa da Frente Brasil Popular, senador José Paulo Bisol (PSB-RS), disse que está aberto a negociações programáticas, mas continua vice e considera esta uma questão fechada pelos partidos que apoiaram a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno, informa a Agência Globo. Sua posição pessoal é de que o cargo está à disposição da Frente desde o dia em que assumiu.

"A vaga não é minha. É da Frente Brasil Popular. E quanto a isso, quem tem que se pronunciar são os coordenadores da campanha e das negociações com os outros partidos. Eles já afirmaram que esse ponto é inegociável", frisou.

Bisol foi a Brasília para entregar ao deputado Lysâneas Maciel (PDT-RJ) uma procuração que lhe daria plenos poderes para investigar supostos empréstimos e privilégios

junto ao Banco do Brasil. A suspeita foi levantada pelo candidato do PDT, Leonel Brizola, durante os debates no primeiro turno.

"Essa questão entre mim e o Brizola é pessoal. As questões políticas estão acima disso. Ele é um político marcante e conseguiu no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro aquilo que o Lula conseguiu nos outros estados: empolgar as massas. Ele é um fenômeno de massa e uma grande liderança política", disse.

Segundo Bisol, uma pesquisa feita no Rio Grande do Sul mostrou que a subida de Brizola ao palanque não seria um fator primordial para mudar os 60,85% do eleitorado do estado ao candidato petista. Deste total, 60% vai automaticamente para Lula. Os 40% restantes estão divididos entre votos nulos e Collor de Mello.

Ressaltou ainda que isso não quer dizer que o apoio

de Brizola, com todo o PDT, não seja importante. O engajamento do PDT na campanha é tão importante como o do PSDB, PCB e esquerda do PMDB. Ele também defende o veto a setores do PMDB:

"O PMDB não tem mais identidade, há o PMDB da direita e o PMDB da esquerda. O da esquerda é um apoio bom. Ulysses é reverenciável. Deveria se afastar e assumir a posição de mentor e conselheiro das esquerdas", aconselhou.

Para Bisol, os militares devem ser vistos como prestadores de serviços. E mesmo que pressionem para a implantação do parlamentarismo antes de 1993 não vão conseguir apoio suficiente para isso porque seria um golpe. Por ser um sindicalista habituado às negociações mais difíceis, imprimirá um novo ritmo ao trabalho das Forças Armadas e às relações com os países do Primeiro e Terceiro Mundo.